

Introdução

O Portugal de Oitocentos, durante o qual ocorreram várias oscilações ideológicas, em parte comuns ao resto da Europa, estava, apesar do esforço de alguns para inverter a situação, fortemente preso a concepções tradicionais e rígidas relativas ao género, à classe e à religião. Tão dominantes elas eram que quase inviabilizavam qualquer prática social diferente da que formara as mentalidades dos séculos anteriores. Como instâncias de manifestação do poder dominante, regulavam e impunham atitudes e comportamentos bem definidos politicamente e contaminavam o social e o cultural, tanto a nível individual como colectivo. Desta sorte os poucos intelectuais que como mariposas voavam em busca de uma nova luz, cansavam-se de bater as asas à espera da metamorfose da sociedade para estruturas mais justas, equitativas e livres.

As questões relacionadas com estes três temas e com as injustiças produzidas pelas estruturas sociais incorporadas no sistema foram sendo entendidas pelos espíritos mais clarividentes como devendo ser atacadas em conjunto e com estratégias afins, de forma a fazer com que a sociedade saísse do marasmo tradicional. Só a transformação simultânea nestas três instâncias poderia conduzir à igualdade, proposta como objectivo a atingir por todos aqueles que queriam uma redefinição da sociedade, da política e da cultura. Só ela, com efeito, permitiria a liberdade de expressão e de acção de que o século XIX se manifestou sedento.

A história dessa longa caminhada intelectual e factual que levou às agruras do século XX e às suas incertezas tem vindo a ser feita sob os mais diversos ângulos de análise. Pela nossa parte, tentámos estudar, em trabalho anterior², o ambiente intelectual em que várias figuras de

¹ Ana Costa Lopes é Mestre em Estudos Luso-Asiáticos (Variante Literatura) pela Universidade de Macau e doutorada em Língua e Cultura Portuguesa pela Universidade Católica Portuguesa. É professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e investigadora do Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa desde 1983 e também do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da mesma instituição. Investiga nas áreas do género e da literatura tradicional portuguesa e estrangeira. Tem quatro livros sobre algumas destas áreas e diversos artigos em revistas portuguesas e estrangeiras.

² Lopes, 2005.

primeira e segunda grandeza tentaram através da sua actividade literária e propagandística, na teoria e na prática, alterar a situação existente, sobretudo nas áreas da instrução e da discriminação, ao longo de quase todo o século XIX.

Nesse bosquejo das grandes linhas de avanços e recuos, ocupou lugar de algum destaque a figura de Francisca Wood, portuguesa de nascença, casada com William Thorold Wood, cidadão britânico que viveu longamente em Portugal e aqui faleceu. Nessa investigação, examinei sobretudo a sua contribuição para o debate dos temas centrais antes referidos em cuja base estão, como se sabe, as questões de classe, a coordenada de estruturação e de definição do acesso aos bens sociais por parte dos indivíduos e dos grupos sociais. Na verdade, ao longo de todo o século XIX, muito mais do que no seguinte, as linhas de separação entre as pessoas eram quase fixas, e os estratos sociais quase inamovíveis, para benefício dos modos de pensar e de agir tradicionais que os *modus vivendi* suportavam.

O contexto intimista das ideias

Tomámos como ponto de partida deste trabalho que o enquadramento intelectual e literário em que antes colocámos a análise das ideias expressas pelo casal Wood, Francisca e William, sobretudo nas revistas *A Voz Feminina* (1868), dirigida por ela, e *O Progresso* (1869), da responsabilidade dele, ganharia maior consistência se fosse acompanhado pelas circunstâncias vivenciais e anímicas que conduziram à intervenção de uma estrangeirada e de um estrangeiro no quadro intelectual português durante a segunda metade do século XIX. Decidimo-nos pois investigar o contexto e as razões íntimas dessa intervenção, de forma a compreender a origem, o significado e o alcance das ideias europeias e americanas que desenvolveram ou de que se fizeram eco.

Esta espécie de história intimista da intervenção é por nós entendida como um caso exemplar de como as ideias novas vagueiam nos espaços culturais e como estes as acolhem ou rejeitam, numa espécie de reforço ou de defesa automática do *status quo*, em que a mudança é entrevista como um atentado à estabilidade que só os sistemas mais dinâmicos suportam. As reacções, constantes da imprensa periódica, acerca da actividade do casal, que desenvolveremos noutro texto, podem assim ser entendidas como esforços de adaptabilidade do sistema. Mas a discriminação a que foram sujeitos e a vida dos seus empreendimentos

editoriais, apesar de tudo média, tendo em conta as muitas iniciativas semelhantes nesse período, também manifestam o anquilosamento do sistema. A rejeição fez-se, porém, em jeito de disfarce. Apesar de protestantes assumidos, lutadores pela paridade, são aparentemente aceites. E os poderes instituídos simulam esquecer-se da sua presença.

As respostas que conseguimos encontrar nesta fase prévia da investigação para o problema em causa são, no entanto, até ao momento, embrionárias. Falta-nos aprofundar muitas circunstâncias do combate e de resiliência utilizadas pelo Casal Wood para atingirem aquilo a que tinham direito – a prática da igualdade religiosa e de género. De resto, a resposta a estas questões tem necessariamente de ser colocada num contexto mais vasto, o de saber como foram geradas em Portugal as ideias progressistas e como se comportaram os seus defensores na luta contra os poderes instituídos.

Seja como fôr, o caso aqui estudado é exemplar. E, se a resposta cabal à questão nele posta ainda não foi encontrada, por não termos conseguido lançar luz sobre todos os seus componentes ideológicos, esperamos que nele se encontrem alguns elementos para a compreensão da forma como surgiram e foram fazendo curso algumas das ideias novas que ocuparam o debate intelectual do último quartel do século XIX. A pesquisa debateu-se aliás com a dificuldade, comum a todas as que tratam de vidas e percursos intelectuais pouco notórios: os pressupostos ideológicos da intervenção ficaram muitas vezes nas entrelinhas de textos pouco abundantes e nas circunstâncias de vida e caminhada intelectual que nunca foram explicitadas. No caso concreto, os registos e outros elementos a que tivemos acesso, são ainda escassos e pouco consistentes. Alinhá-los-emos um pouco mais adiante. De momento parece-nos vantajoso fazer algumas notas sobre as circunstâncias políticas e religiosas em que a actividade intelectual do casal se processou.



Condições da vivência protestante

A vivência protestante no Portugal católico do século XIX, onde quase não havia outra tradição religiosa, não era fácil. Nem a mentalidade facilitava a diferença, nem a legislação era suficientemente permissiva e reconhecadora dos direitos das minorias religiosas para que se abrisse a uma doutrina que pusesse em causa as convicções de uma maioria pouco ilustrada. Sendo, além disso, o catolicismo a religião do Estado, todo o sistema político e ideológico estava consubstanciado nessa espécie de união intrínseca que determinava o funcionamento da sociedade, a ponto de Rita M. Leite dizer que "essa fusão resultava também na noção de que os atentados contra o catolicismo constituíam simultaneamente uma agressão em relação à estrutura estatal, daí o seu carácter duplamente sacrílego."³

Todos os que discordavam da ideologia estabelecida estavam em risco. Mas dessa situação estavam, porém, os ingleses e os outros estrangeiros mais protegidos do que os portugueses. A defecção religiosa ou política destes eram consideradas crime. Sem entrar no detalhe da história, convirá no entanto referir que houve uma época de tolerância no século XVIII, que alguns autores centraram em 1759⁴: a erecção do primeiro cemitério britânico protestante,

³ Leite, 2009.

⁴ V. Léonard, 1964, 530.

em 1725, o qual foi consagrado com a capela em 1843⁵. Em 1809, foi, por outro lado, criada a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, que promoveu a primeira edição do Novo Testamento⁶ para ser utilizada na evangelização. Por outro lado, as Cortes de 1821 e a Constituição de 1822, "fortemente marcada por um espírito democratizante e profundamente inovador, integrou também uma importante componente espiritual e religiosa"⁷.

Mais importante é ainda o que Luís A. Santos constata: "A ordem jurídica liberal que se consolidou na segunda metade de Oitocentos foi possibilitando uma lenta organização de facto da diferenciação religiosa em redes e grupos: esta organização escudava-se nos direitos individuais de consciência, associação e imprensa, reconhecidos pela nova ordem jurídica (a Carta Constitucional de 1826 reconheceu as liberdades de consciência e imprensa e o Código Civil de 1867 a liberdade de associação)."⁸ Havia assim uma espécie de tolerância, embora "os protestantes não se pudessem constituir como pessoas jurídicas (não tendo existência legal nem sendo reconhecidos pelo Estado)."⁹ Por outro lado, a perda de poder do regime absolutista, proporcionou à Igreja Metodista americana enviar delegados para o nosso país¹⁰. Várias pessoas se instalaram, assim, em Portugal, para a prática da evangelização, em 1831.¹¹ E "Em 1868 [foi feito] o reconhecimento da Igreja Evangélica espanhola, pelo duque de Saldanha"¹².

Rita M. Leite afirma que "de acordo com a Aliança Protestante, o Código Penal de 1852 inviabilizava a existência de liberdade religiosa no reino português, percepção que seria

⁵ V. Santos, "A 'cissiparidade fragmentária' da minoria protestante", in Azevedo, Clemente Ferreira, 4, 2002, 448.

⁶ V. Léonard, 1964, 532.

⁷ Leite, 2009, 20.

⁸ Santos, "Condicionantes na configuração do campo religioso português", in Azevedo, Clemente, Ferreira, 3, 2002, 411.

⁹ Santos, "Condicionantes na configuração do campo religioso português", in Azevedo, Clemente, Ferreira, 3, 2002, 411.

¹⁰ V. Léonard, 3, 1964, 532.

¹¹ V. Léonard, *ibid.*, 532.

¹² Léonard, *ibid.*, 534.

partilhada por grande parte das comunidades reformadas portuguesas".¹³ Uma maior movimentação dos protestantes neste século XIX parece indicar a confiança destes grupos nas ideias liberais e de que haveria mais liberdade para se instalarem e actuarem no nosso país. É assim que se celebraram casamentos, oficialmente reconhecidos, na Igreja Metodista do Porto, em 1874, bem como se passaram a admitir protestantes nos cemitérios públicos.¹⁴ Por outro lado, o fim da Inquisição contribuiu para um clima aparentemente favorável às práticas protestantes. A tolerância de certos intelectuais como Antero de Quental, Trindade Coelho, Manuel de Arriaga, Alexandre Braga, entre outros, também contribuiu, por certo, para isso. E a partir de 1870 "o paradigma da uniformidade religiosa corporizada na Igreja Católica Romana sofr[eu] considerável desgaste e as minorias encontra[ram] alguma margem de manobra para as suas reivindicações".¹⁵ No entanto, houve alguns, poucos, casos extremos como a prisão do *colporteur* Vieira, em 1884. O casal Wood também sofreu ataques de católicos, mas eram uma resposta àquilo que escreviam nas suas revistas, por vezes, muito provocador. Mas o facto denota um clima de instabilidade. A imprensa periódica dá conta disso.

É neste contexto ambivalente que aparece a família Wood fazendo a sua doutrinação.

A incerta história do casal Wood

Francisca e William Wood terão vindo para Portugal provavelmente na década de 60 do século XIX. Sabe-se, por outro lado, através de um artigo seu em *A Voz Feminina*, que Francisca Wood teria deixado Portugal com 14 anos, em circunstâncias ainda não desvendadas, para ir viver na Inglaterra, de onde só teria regressado, já casada com William Thorold Wood e com um filho já adulto. Mas nada pudemos apurar acerca da sua permanência naquele país e acerca do seu meio de inserção bem como das circunstâncias que a levaram ao casamento referido. Mas concluímos que ela tinha família no nosso país, pois a menciona, aqui ou além, nos seus escritos. Nada conseguimos apurar, no entanto, se essa família era protestante ou católica e se

¹³ Leite, 2009, 33.

¹⁴ V. Santos, "Condicionantes na configuração do campo religioso português", in Azevedo, Clemente, Ferreira, 3, 2002, 412.

¹⁵ *Id.*, *ibid.* 412.

ela se converteu por mor do marido. O certo é que assumiu totalmente essa sua afiliação religiosa. A investigação feita não nos permitiu ainda deslindar se William Wood também teria vivido em Portugal antes desse regresso com a família. Mas apurámos que tinha família no nosso país e que veio, nesta altura, com propósitos bem definidos de trabalho na pequena comunidade protestante aqui residente. Pudemos, com efeito, constatar que vários membros da família Wood viviam ou tinham vivido em Portugal e que alguns antepassados de William Wood se teriam radicado entre nós, mais concretamente no Porto, no século XVIII. Os seus nomes próprios aparecem em vários documentos compulsados: Robert, Sarah e seus filhos, Robert, John, Thomas, Sarah, Isabelle Thomas, Ann, todos eles falecidos em Portugal. Alguns deles estariam ligados à defesa e propagação do protestantismo. Mas as condições em que o faziam eram muito diferentes das existentes no século XIX, já que, nessa época, a vivência do protestantismo era mais isolada do que no tempo do casal literato.

Na família encontramos comerciantes, médicos, pastores. Vários familiares de William estiveram ligados a funções eclesiásticas, como Julius Wood, que foi pastor no Funchal, onde celebrou a Santa Ceia segundo o rito presbiteriano, em 1844, ajudando o médico e pastor escocês, Robert Kalley. Foi este que, chegado à Madeira em 1838, fundou a primeira comunidade protestante no Funchal, onde também abriu escolas e fundou um hospital. Uma das actividades da igreja era a distribuição de bíblias. Sabe-se, por outro lado, que William Wood era primo do Bispo de Rochester.

Foi, por outro lado, notória a sua actividade de divulgação do protestantismo, e que ela lhe valeu muitos ataques, extensivos, aliás, à sua mulher. Para as suas revistas serviu-se de uma tipografia de que era proprietário, onde, entre outras obras, publicou algumas ligadas à doutrina e luta dos protestantes pela liberdade religiosa, como a relativa ao episódio ocorrido na Madeira aquando da expulsão do pastor Kalley¹⁶. O facto associa-o também à defesa do Presbiterianismo. Nesta tipografia editou igualmente os *Cânticos de Natal*, de Dickens¹⁷, que circularam pelo Brasil, bem como as folhas progressistas de que a mulher e ele foram

¹⁶ Kalley, 1875.

¹⁷ Dickens, 1873.

directores. E em 1875 publicou uma colecção seleccionada de artigos seus incluídos naquelas revistas, com temas como a "Introdução à história da música", "A educação do povo", "O conselho americano", "A emancipação da mulher", entre outros. Esta publicação parece ter tido algum sucesso pois teve uma reedição em 1877¹⁸. Entre as várias actividades conhecidas de William Wood está ainda a de professor de música. Mas nada ainda sabemos de concreto sobre a sua actividade como músico no nosso país. Provavelmente daria colaboração aos serviços dominicais e ensinaria na escola protestante.

O casal viveu até ao início do século XX, em Portugal, por mais de 30 anos, ou seja, até 1900 e 1901, data do falecimento de ambos com a respectiva idade de 97 e 98 anos. Em 1868 moraram junto de outros estrangeiros, na Lapa, perto do local onde se encontrava antigamente a Embaixada de Inglaterra e onde se situava a referida tipografia. Posteriormente, o casal mudou-se para bem perto do sítio de infância de Francisca, isto é, a freguesia de Santos-o-Velho. A sua casa passou a ser na Rua das Janelas Verdes próxima das igrejas protestantes, entretanto surgidas, como a Lusitana e a Presbiteriana.

Aceitação ou recusa?

Francisca e William Wood vieram para Portugal dotados de uma das atitudes mais revolucionárias defendidas e praticadas na Europa ou na América de então e quiseram propagar as suas ideias e convicções sem medos e sem entraves e com a visibilidade necessária. Por isso tinham todos os ingredientes para se tornarem incómodos na sociedade portuguesa.

De facto as revistas consultadas fizeram-se eco dos muitos antagonismos que provocaram, sendo por isso legítimo perguntar se não teria sido por causa desse clima criado que o casal desaparece de cena. Durante cerca de 25 anos quase se não tem notícia deles. Mas os elementos recolhidos não nos permitem afirmá-lo com certeza. O facto de ainda os não ter localizado em nenhuma das igrejas protestantes contactadas nem ter obtido nenhum registo que lhes dissesse respeito, pode resultar da natural anonímia de quem provavelmente nunca

¹⁸ Wood, 1875; *Id. Ibid.*, 1877.

teve funções dirigentes nas instituições protestantes, aliás pouquíssimos as tinham pela própria organização das igrejas protestantes ou do óbvio apagamento da velhice. Pelos anos 80 do século XIX ambos deviam andar pelos 70 e muitos anos. O certo é que os registos e obras das duas bibliotecas protestantes consultadas não nos esclareceram sobre muitas questões importantes para o conhecimento destas duas figuras, embora possam contribuir para a história dos protestantes europeus.

Uma outra hipótese para explicar a ausência de referências em tão longo período é que tenham ido para a Inglaterra, em razão das adversidades por eles encontradas e em consonância com as suas queixas na imprensa contra a impenetrável sociedade portuguesa. A ausência de testemunhos escritos nas revistas por nós compulsadas ou tratadas¹⁹ poderiam apontar nesse sentido. Consultámos pois os registos de óbito dos estrangeiros aqui residentes. Mas nem o Ministério dos Negócios Estrangeiros tinha tais registos, ou qualquer outro documento relativo a estrangeiros, nem deles sabia. As diligências feitas levaram-nos porém à certeza de que não tinham abandonado o país. Estando, como estavam, numa missão, não podiam desistir. E não o fizeram.

Não é difícil perceber a atitude de proselitismo de Francisca Wood não só na área da religião, mas também na do género em todas as suas vertentes, tratando de “diversos tipos de emancipação feminina” e religiosa. Na verdade, desde os seus primórdios, que os protestantes atribuíam um papel fulcral às mulheres, convidadas que foram a colaborar activamente na leitura da Bíblia e, portanto, na prática da crença e posteriormente na sua divulgação. Isto supunha não só a alfabetização para o conhecimento e divulgação do livro sagrado, mas também tinha implícita a confiança nas competências femininas na interpretação da Bíblia, o que as foi habilitando, ao longo do tempo, a comportamentos, em muitos casos, tidos em países católicos como “exclusivamente masculinos”. Não há dúvida, porém, de que este facto terá sido uma das sementes da emancipação feminina, particularmente crescida, desenvolvida e praticada nos Estados Unidos, entre outros países, com grande êxito e que teve um dos seus

¹⁹ V. Lopes, 2005.

apogeu em 1878: "O mundo anglo-americano leva agora o facho da questão do sufrágio e os seus mais representativos cristãos protestantes parecem dirigir também as questões da reforma moral."²⁰

Um outro aspecto a considerar, no caso de Francisca Wood, é o facto de o país de adopção, a Inglaterra, onde ela viveu durante muitos anos, estar muito avançado a respeito do voto e de outras "emancipações". Não é à toa que a autora se refere, por exemplo, às doutrinas de John Stuart Mill, expressas em *The Subjection of Women*, publicado em Inglaterra, em 1869, e logo por ela publicitado e explanado em *A Voz Feminina*, no mesmo ano, no sentido de pôr em destaque a ideia de paridade. E faz o mesmo com muitos outros avatares da igualdade feminina de diversos países como a França, os Estados Unidos, a Suíça, etc. Deles refere e comenta a parte teórica e as acções desenvolvidas. Não deixa de lado outras tendências radicais a nível político, social e profissional, e alarga a sua reflexão a muitas outras áreas como a educação, a instrução feminina e masculina, tomando o nosso país como um todo e propondo intervenções com soluções inovadoras e progressistas para resolver os problemas existentes. Daí o ter sentido muita hostilidade para com as suas publicações e contra as suas ideias. O país estava com efeito, muito pouco aberto a qualquer tipo de inovação que contrariasse o *status quo* existente. Por muito que ela e o marido, com algumas amigas suas, tentassem pôr em prática aquilo que ela aprendera e vira no estrangeiro, sacudindo os portugueses da letargia, esta continua como Eça de Queirós e Ramalho Ortigão bem referiram com amargura e desgosto nos seus textos, pouco tempo após a cessação da publicações de que o casal Wood era responsável, embora sem referirem nem estas pessoas, nem o seu trabalho. De facto, tanto ela como o marido encontraram muitas dificuldades em suas tentativas, insurgindo-se, muitas vezes, contra os católicos e tomando atitudes ostensivas e radicais em resposta ao facto, já referido, de a religião da maioria ser aceite e instituída, há muito, e constituir um dos pilares da identidade nacional. As mudanças da mentalidade que

²⁰ Offen, 2000, 154.

apesar de tudo se iam operando não levavam, com efeito, a maioria a aceitar a diferença, particularmente quando ela se manifestava numa dimensão prosélita bastante radical.

Francisca Wood não foi apenas a divulgadora, comentadora ou instigadora na imprensa periódica de tudo aquilo em que acreditava, pois corporiza um dos ideais completos da intelectual daquele tempo, ao publicar, na revista que dirigia um romance seu intitulado *Maria Severn*. Ao abraçar a causa da emancipação e a defesa da religião protestante, fá-lo com todos os meios ao seu dispor. Por isso se pode dizer que, se era uma personalidade combativa, corajosa, activa e resistente, também tinha consigo todos os requisitos para diferenciadamente lutar pelos seus ideais. E, sem ser uma figura de primeira plana, deixou a sua marca na vida intelectual da segunda metade do século XIX.

Conclusão

O facto de haver personalidades que se arrogam o direito de falar de emancipação, de igualdade de género, ou de liberdade religiosa num meio refractário à implementação de tais ideias é, só por si, prenúncio de mudança e começo de transformação na história social e cultural de um país. Independentemente da data em que é conseguido o que com elas defendem – e, no caso, demorou muitos anos – as fontes da esperança e as belezas da nova realidade já estavam todas elas contidas nesse esboço primeiro de natureza ideológica.

Do que vimos se deduz que a adesão a muitas das ideias defendidas por Francisca e William Wood e ao que isso implicava em termos de alteração dos pressupostos de organização da nossa sociedade foi pautada por imensas dificuldades. Francisca mexeu em muitas ideias-feitas. Mas a sua principal luta esteve nas questões da emancipação do género. A defesa da religião também lhe não foi alheia. Mas a aceitação de tudo o que defendeu não era tarefa fácil. E mesmo entre a comunidade estrangeira não parece ter arranjado muitos aderentes ao que de revolucionário ia propondo.

O papel que William Wood teve no desenvolvimento destas ideias e propósitos de acção ainda está pouco esclarecido mas tinha as mesmas ideias que ela e encabeçou a peleja pela instituição do sufrágio feminino em Portugal. Os estrangeiros não assentiram. Esperamos que outras pesquisas bem como a consulta de algumas fontes ainda não exploradas tragam nova luz sobre o presente objecto de estudo.

Fontes:

A Voz Feminina. 1868.

O Progresso. 1869.

Referências Bibliográficas:

Azevedo, Carlos Moreira; Clemente Manuel; Ferreira, António Matos. 2002. *História Religiosa de Portugal*, 3. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

Catoga, Fernando. ¹1988. O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911). *Análise Social* XXIV (100): 211-273.

Dickens, Charles. 1873. *Cânticos de Natal*, Lisboa: Tipografia Luso-Britânica de W. T. Wood.

Kalley, Robert Reid. 1875. *Exposição dos Factos Relativos à Agressão contra os Protestantes na Ilha da Madeira*. Lisboa: Tipografia Luso-Britânica de W. T. Wood.

Leite, Rita Mendonça. 2009. *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea. Da Exclusão à Liberdade de Culto (1852-1911)*. Lisboa: C.E.H.R., Universidade Católica.

Léonard, Émile G. 1964. *Histoire Général du Protestantisme*. 3. Paris: P.U.F.

Lopes, Ana Maria Costa. 2005. *Imagens da mulher na imprensa Oitocentista*. Lisboa: Quimera.

Offen, Karen. 2000. *European Feminisms, 1700-1950*, Stanford: Stanford University Press.

Santos, Luís Aguiar. 1996-1997. A primeira geração da igreja lusitana católica apostólica evangélica (1876-1902). *Lusitana Sacra* 2.ª Série. 8-9: 299-360.

----- . 2002. Condicionantes na configuração do campo religioso português. *História Religiosa de Portugal*, 3, Rio de Mouro: Círculo de Leitores. 401-417.

----- . 2002. A 'cissiparidade fragmentária' da minoria protestante. *História Religiosa de Portugal*, 3, Rio de Mouro: Círculo de Leitores. 447-491.

Wood, William Thorold. 1875. *Colecção de artigos por W. T. Wood publicados nos jornais A Voz Feminina e O Progresso de 23 de Fevereiro de 1868 a 26 de Janeiro de 1869*, Lisboa: Tipografia Luso-Britânica.

Wood, William Thorold. 1877. *Colecção de artigos por W. T. Wood publicados nos jornais A Voz Feminina e O Progresso de 23 de Fevereiro de 1868 a 26 de Janeiro de 1869*, Lisboa: Tipografia Luso-Britânica.

Resumo

O objectivo desta investigação é facultar os resultados preliminares do estudo das influências das ideias protestantes e da emergência da ideologia da emancipação feminina e da igualdade de género no século XIX português. Toma-se como *case study* a acção de um casal inglês-português vindo de Inglaterra para Portugal no meio do século referido com novas ideias relativas a género e à religião.

Acreditam em Stuart Mill e são protestantes. Fazem proselitismo e explicam e discutem as suas ideias em revistas publicadas sob a sua direcção, difícil tarefa numa sociedade católica e conservadora. É este casal bem-sucedido na sua missão ou é marginalizado? Que espécie de discriminação é usada contra os Woods? Qual o ponto de vista relativamente ao género nos seus textos? Que impacto tiveram? Estas são algumas das perguntas formuladas.

Abstract

The purpose of the investigation from which I give here the preliminary results is to study the influences of the Protestant ideas in the emergence of the ideology of emancipation and equality of gender in the XIX century in Portugal, taking as a example the action of a mixed English-Portuguese couple that comes from England to Portugal in the middle of the XIX century with new ideas concerning gender and religion.

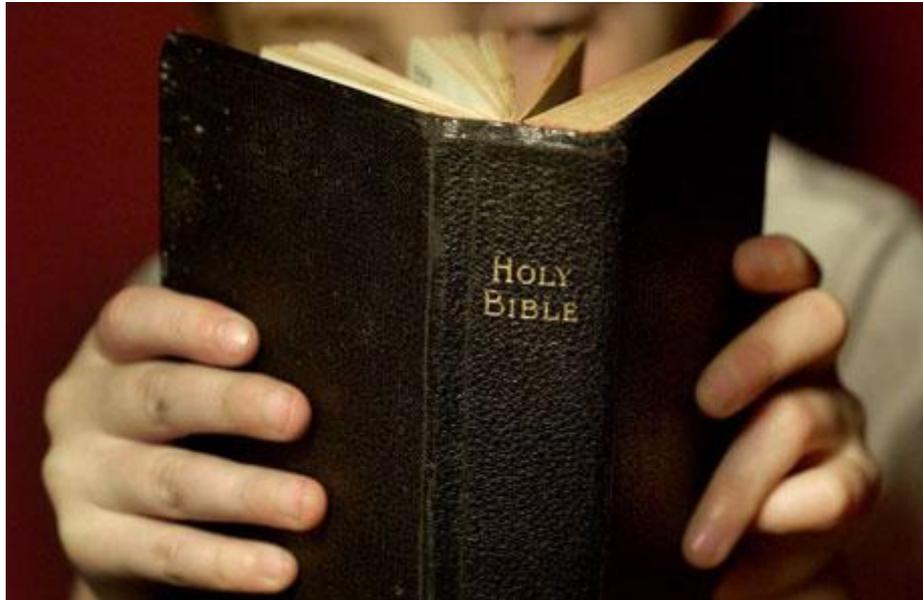
They believed in Stuart Mill and they were Protestants. They made proselytism, and explained and discussed their ideas in two magazines published under their direction -- a hard task in a conservative and Catholic society. Were they successful in their mission, or were they marginalized? What kind of discrimination was used against them? Which gender standpoint can we view in their writings? What was their impact? These are some of the questions to be answered.

Palavras-chave:

Casal Wood; discriminação religiosa; emancipação feminina; ideias e mudança cultural.

Key-Words:

Wood couple; religious discrimination; women emancipation; ideas and cultural changing.



Two Paths of Religion. Depiction of the Divide Between Protestantism and Catholicism²¹

²¹ Esta gravura da Escola Francesa (século XVI), que representa a divisão entre Católicos e Protestantes, (Société de l'Histoire du Protestantisme Français) encontra-se na Bridgeman Art Library. Foi impressa segundo o processo denominado *giclée* (a palavra francesa para pulverizar) de acordo com o qual milhões de gotas de tinta são pulverizados na superfície do papel, conseguindo-se assim melhor qualidade de reprodução.